

# A MUDANÇA DE “ASSIM”: UM CASO DE GRAMATICALIZAÇÃO, MODALIZAÇÃO E (INTER)SUBJETIVIZAÇÃO<sup>1</sup>

Lúcia Regiane LOPES<sup>2</sup> (UNESP/IBILCE)

**RESUMO:** O propósito maior desta pesquisa é realizar um estudo que privilegie o uso do elemento “assim” denominado marcador discursivo. Esse estudo terá como princípio a descrição do comportamento sintático, semântico e pragmático do item à luz dos pressupostos teóricos da gramaticalização. Entendemos a gramaticalização como parte do estudo lingüístico que focaliza o processo de mudança que se dá a partir de um processo gradual de pragmatização do significado.

**RESUMEN:** La propuesta de esta investigación es realizar un estudio que privilegie el uso de la partícula “assim” denominada marcador discursivo. Esta investigación se inicia con la observación del comportamiento sintático, semántico y pragmático por medio de la base teórica de la gramaticalización. Comprendemos gramaticalización como parte de un estudio lingüístico que enfoca el proceso de cambio que ocurre a partir del proceso gradual de pragmatización del significado.

## 1. Introdução

O objetivo deste trabalho é focalizar os processos de subjetivização e intersubjetivização que acompanham e/ou resultam da mudança via gramaticalização (GR, daqui em diante) experimentada pelo item *assim*.

Esse processo de mudança será entendido aqui, tal como na literatura mais recente sobre o assunto (Heine *et al.*, 1991; Sweetser, 1991; Hopper e Traugott, 1993; Bybee *et al.*, 1994), a partir do abandono da noção inicial, já presente no trabalho pioneiro de Meillet (1912), de “desbotamento/enfraquecimento” semântico, ou seja, a GR será entendida como parte do estudo lingüístico que focaliza o processo de mudança que se dá a partir de um processo gradual de pragmatização do significado, que envolve estratégias de caráter inferencial, que levam a um aumento de informação pragmática, e estratégias metafóricas, que acarretam uma abstratização. Dessa forma, segundo Traugott (1999), tais alterações no significado tendem a seguir trajetórias que apontam para a (inter)subjetivização na linguagem.

A partir dessa concepção, entendemos que a mudança sofrida pelo item “assim” exemplifica um caso de GR que, a partir de uma trajetória específica, revela uma variedade de usos passíveis de serem organizados em um contínuo que parte não só do menos gramatical para o mais gramatical, mas também do menos subjetivo para o mais subjetivo e, concomitantemente, do mais subjetivo e menos intersubjetivo para o mais subjetivo e mais intersubjetivo.

A amostra que constitui o *corpus* da presente pesquisa é composta de dez inquéritos do Banco de Dados Iboruna, pioneiro a ser organizado com amostras de fala, rigorosamente coletadas, do interior do Estado de São Paulo, mais especificamente, dos municípios de Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiúá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto, sendo que cada inquérito é composto pelos seguintes gêneros: (i) Narrativa de Experiência (NE); (ii) Narrativa Recontada (NR); (iii) Descrição de Local (DE); (iv) Relato de Procedimento (RP); (v) Relato de Opinião (RO). A metodologia baseia-se em uma análise qualitativa dos dados sincrônicos, a fim de, expor, panoramicamente, as peculiaridades do item.

## 2. Algumas considerações teóricas

A fim de dar o entendimento proposto à GR, vale enfatizar dois mecanismos fundamentais e complementares em relação às mudanças semânticas envolvidas no processo; a *metáfora* e a *metonímia*. O primeiro, respectivamente, pode ser entendido como projeções de significados de um domínio, consensualmente mais concreto, para um domínio mais abstrato, dentro de uma relação de ordem paradigmática, enquanto o segundo, consiste na transição de um significado A para um significado B a partir

<sup>1</sup> Artigo resultado de parte do trabalho de mestrado fomentado pela agência CAPES- Orientadora: Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi.

<sup>2</sup> [luciaregiane@bol.com.br](mailto:luciaregiane@bol.com.br)

de uma relação de contigüidade contextual, e portanto, numa relação sintagmática. Dessa forma, via inferência, o significado B pode tornar-se parte da palavra graças ao que chamamos de convencionalização daquilo que, primeiramente, surge como uma implicatura conversacional, ou seja, o que era inferido, passa a ser convencionalizado e, conseqüentemente, codificado na língua. Nesse ponto, é imprescindível reconhecermos que ambos os mecanismos associados à GR produzem e/ou explicam a polissemia que acompanha o processo.

Com o intuito de explicar esse segundo mecanismo de mudança, que é essencialmente pragmático, Traugott lança mão de um modelo semântico funcional de linguagem, que guarda semelhanças teóricas com o modelo proposto por Halliday. Nesse modelo temos (i) o componente *proposicional* da linguagem, no qual estão os elementos que mantêm uma relação direta com o mundo extralingüístico, (ii) o componente *textual*, em que os elementos envolvidos permitem a organização de um discurso coeso e (iii) o componente *expressivo*, que engloba os elementos que exprimem atitudes pessoais do falante a respeito do assunto e de outros participantes. Sendo assim, a mudança de significado experimental, segundo Traugott (1982: 256), uma trajetória do tipo *proposicional* > *textual* > *expressivo*.

Podemos, em concordância com tal proposta, entender a *subjetivização* e a *intersubjetivização* como processos que se dão em correlação com esse componente mais à direita do *cline*, e, conseqüentemente, nos estágios mais avançados do processo de GR.

Segundo Traugott (1999), a *subjetivização* é definida como o processo semasiológico por meio do qual significados passam, com o tempo, a tornar-se cada vez mais baseados em crenças subjetivas ou atitudes do falante em relação ao que é dito e a como é dito (Traugott, 1989, 1995).

Enquanto a *subjetivização* é um mecanismo que leva os significados a tornarem-se mais profundamente centrados no falante, a *intersubjetivização* leva-os a centrarem-se no ouvinte, tanto no sentido epistêmico como no social, sendo importante ressaltar que, nessa direção, a *intersubjetivização*, enquanto representação explícita de atenção às atitudes do ouvinte, surge e depende crucialmente da *subjetivização*, ou seja, funciona como um estágio que lhe é posterior.

A partir da observação dessa proposta, depreendemos a unidirecionalidade apontando, essencialmente, para um avanço em relação à mudança semântico-pragmática. Assim, o foco está nos caminhos em que a GR desenvolve esse avanço, ou seja, de que maneira ocorre a generalização ou perda de significados mais concretos, acompanhada de ganhos de abstratização e de novos significados pragmáticos, tal como (inter)subjetivização. Segundo Traugott (2003), o fortalecimento pragmático, em geral, e a *subjetivização*, em particular, surgem das relações pragmáticas envolvidas em parâmetros cognitivos e comunicativos da interação falante-ouvinte e das práticas discursivas.

### 3. O caso da gramaticalização de marcadores discursivos

Tomando como base as considerações de Traugott (2003), vale partir, antes de tudo, da conceituação da classe de palavras que abarca os marcadores discursivos. Segundo Schiffrin (1987), os MDs são itens que agrupam unidades do discurso. Por sua vez, Fraser (1988) os tem definido como a classe de marcas pragmáticas que “sinalizam uma observação, particularizando o tipo de circunstância ou relacionamento discursivo seqüencial que é mantido entre o enunciado corrente, aquele do qual o MD faz parte, e o discurso anterior”. Esses itens podem e, normalmente, são polissêmicos, no sentido de que a mesma forma pode desempenhar funções distintas, inclusive em estágios também distintos de GR.

O fato de enxergar o desenvolvimento desses itens a partir da perspectiva da GR exige que não haja adesão completa aos critérios propostos, por exemplo, por Lehmann (1985, 1995[1982]). No contexto de uma discussão mais elaborada acerca dos diversos “parâmetros e processos” da GR, esse autor identifica *escopo*, *conexidade* e *variabilidade sintagmática* como três parâmetros desse processo, que evidenciarão a mudança de uma relativa liberdade na sentença para uma relativa fixidez, e de um escopo mais amplo para um escopo mais pontual. O caso do desenvolvimento dos MDs parece violar, num primeiro momento, tais critérios sintáticos.

Por isso, alguns autores, como Erman e Kotsinas (1993) sugerem que, ao invés de GR, deveríamos falar em termos de *pragmaticalização* ou *discursivização*, baseando-se no fato de que os MDs se restringem à fala e de que não se faz necessário um estágio de desenvolvimento, localizado entre o lexema fonte e o marcador. No entanto, esses argumentos são falhos, como mostra Traugott em relação a vários exemplos do inglês e de outras línguas, e como será exemplificado com o caso de *assim*, já que o componente “textual”, inclusive ao nível de escrita, é imprescindível para que se alcance o último estágio do item, como MD.

Apesar disso, para que tal proposta possa ser mantida e viabilizada, faz-se necessária uma teoria de gramática que inclua elementos que ocupam posições sintáticas e tenham funções sintáticas, assim como aqueles que desempenham, prioritariamente, funções pragmáticas. Nessa perspectiva, o caso dos MDs torna-se objeto legítimo de estudos em termos de GR; ora, se diferentes partes da gramática de uma língua possuem também diferentes propósitos, elementos que trabalham diretamente associados com o gerenciamento do discurso podem, e com certeza, não estão sujeitos ao mesmo tipo de redução do escopo sintático, como outros elementos, relacionados a tempo e caso, por exemplo.

Dessa forma, os pré-requisitos indissociáveis à GR, enquanto um complexo conjunto de mudanças, seriam, segundo Traugott (2003):

- (i) descategorização estrutural;
- (ii) deslocamento de um termo pertencente a um conjunto relativamente aberto para um conjunto relativamente fechado (ou seja, de uma categoria lexical para uma gramatical, ou, ainda, de uma menos gramatical para uma mais gramatical), em um contexto específico;
- (iii) fixação dentro de uma construção, guardadas as características específicas de cada tipo de construção (a nível sintático, a nível discursivo);
- (iv) mudança semântica e pragmática de mais para menos significado referencial, via inferências.

Essa abordagem nos leva a entender o discurso como um ingrediente essencial no processo que pode levar à mudança. No entanto, não é correto, segundo Traugott (2003), entender a mudança no sentido DISCURSO > SINTAXE (como algumas leituras superficiais da proposta de Givón tentam sugerir), mas ao contrário, ou seja, a partir da sintaxe já existente, via usos pragmáticos no discurso, temos uma nova sintaxe, operando diferentemente a partir de funções agora mais específicas. Em muitos casos, tais como o de *assim*, o que temos é um novo recrutamento morfossintático de estruturas morfossintáticas já existentes na língua.

#### 4. *Assim*, os exemplos

Os vários usos de *assim* decorrem da gramaticalização de uma forma-fonte dêitica, de base adverbial, caracterizada por indicar, dentro de um contexto específico, tamanho, quantidade, forma, ou mesmo fazer referência a gestos realizados pelo locutor, no momento da fala. Portanto, trata-se de um uso dêitico exatamente porque requer a recuperação da situação de enunciação, ou seja, estabelece “a referenciação de um elemento significante a um estado de fato, a partir das coordenadas estabelecidas no enunciado” (NEVES, 1992). Tal uso permite a paráfrase por *deste tamanho*, *desta altura*, *desta forma*.

(1) dessa árvore até esse loca::l você tem que passar um/ uma (tri::lha) né?... [Doc.: hum] um certo matinho um mato assim dessa altura **assim** ((mostra a altura com a mão))... aí você atravessa uma ce::rca... e:: e tem:: ali depois que você atravessa a cerca tem um pequeno gramadinho...(AC-035, DE-223)

Nesse exemplo, há uma explicação parentética, sobre o que é realizado no momento em que o item é utilizado, cuja função é tornar possível a compreensão do enunciado, já que não estamos presentes na sua realização, o que evidencia o traço dêitico da acepção.

Observemos, agora, a seguinte ocorrência:

(2) Doc.: você apóia a missanga aonde?

Inf.: eu pego uma tábua de madeira **assim** ((mostra com a mão o tamanho da madeira utilizada)) grande e ela tem uns pezinhos...(AC-056, RP-284)

Podemos observar em (2) a permanência da acepção dêitica, acrescida do fato de que, ao mesmo tempo em que se faz alusão a um gesto, em seguida, é acrescentada a explicação parentética na própria enunciação, o que leva, dessa forma, à apresentação de um movimento de remissão no âmbito textual, ou seja, uma sinalização fórica, de base catafórica. Estou entendendo foricidade, de acordo com Neves (1992), como sendo “a recuperação de informação, por remissão a um ponto do enunciado”. Assim, temos um primeiro momento de polissemia, passível de ser denominado de *dêitico fórico*.

Em um estágio posterior de gramaticalidade, pode ser caracterizado um uso especializado em fazer remissões anafóricas e catafóricas, no domínio textual, por isso denominado *fórico modal*. Os usos anafórico e catafórico, já registrados no português arcaico, mais especificamente a partir do século XIII (LOPES,

2003), representam um movimento concretizado do advérbio *assim* em direção ao texto, uma vez que se torna um meio para aludir elementos textuais e exercer funções importantes no estabelecimento das relações coesivas do texto.

Para exemplificar, primeiramente, o movimento de *anáfora*, seguem as ocorrências:

(3) “ta tudo bem com você?”- eu falei - “ta, por quê?” – ela falou “o eu só quero eu só quero eu só vou te avisar que o Cacá taí” – que é **assim** que todo mundo chama ele né - “então vou te avisar que o Cacá taí que pra você não se assustar” - nossa quando ela falou aquilo eu acho que meu coração <sup>9</sup>[né... pulou pela boca] (AC-022, NE-110)

(4) aí ele desviou pra cá bateu na sarjeta o carro capotou... meu irmão caiu pra fora do ca::rro... que eles voou pra frente sei lá uma coisa **assim**...

Doc.: machucou? (AC-006, NR-46)

Embora ambas as ocorrências caracterizem o movimento de *anáfora*, ou seja, retomem elementos já expressos no texto, nítida uma distinção na complexidade sintática e, concomitantemente, semântico-pragmática em relação à porção textual capturada em uma e em outra é nítida. Enquanto em (3) *assim* remete pontualmente a um termo específico, “Cacá”, em (4), acompanhado do termo “coisa”, *assim* retoma todo um período, composto por uma seqüência de orações coordenadas, com o intuito de dizer para o leitor “o fato se deu *dessa forma, dessa maneira* que falei”.

Vale ressaltar que existem muitas outras ocorrências de usos fóricos de *assim* como estas e que em todas elas a paráfrase por *desse modo, dessa maneira* é plenamente possível, isso porque ao funcionar como um fórico, tendo acrescida uma função textual, o item ainda preserva traços modais, característica do processo de GR denominada por Hopper (1991) de *Persistência*. É exatamente por conta dessa persistência de traços adverbiais que preferimos dizer que se trata de um *fórico modal*, em outras palavras, um item que além de fazer alusão a dados textuais, também preserva os traços originais de advérbio de modo. Podemos caracterizá-lo, portanto, como um espécie de *advérbio pronominal*.

Vejamos agora exemplos do movimento de *catáfora*:

(5) eu:: fui na casa/eu tava na casa de uns amigos meus... aí eu peguei e falei **assim** - “ah eu vou lá na casa da:: da tia do Carlos né” - que é Carlos que chama meu namorado – “ah eu vou lá na tia dele que eu adoro eles to sempre lá conversando tal”(AC-002, NE-109)

(6) e aqui na frente uma cômoda **assim**:: igual a sua pequenininha gostoso o quarto... aí no fim do corredor tem um quartão grande...(AC-022, DE-149)

Também em (5) e (6) é possível depreender uma diferença no comportamento do item em correlação com sua função fórica de sinalizador de uma porção textual ainda não apresentada, ou seja, responsável por um movimento projectivo, muito importante para o desenvolvimento do tópico discursivo em questão. Em (5), temos um exemplo prototípico de *catáfora*, em que o falante anuncia que dirá algo, nesse caso, uma oração, já em (6), o item anuncia a inserção de um complemento de “cômoda”, “igual a sua pequenininha”, que poderia perfeitamente dispensar o uso do elemento “catafórico”, *assim* denominado de *catafórico irrestrito*, de acordo com Martelotta (1996).

É importante observarmos que, em todas as ocorrências de usos fóricos do item é possível a paráfrase por “desse modo, dessa maneira”, como já destacamos, com exceção de (6), no qual o traço modal aparece semanticamente mais esvaziado, o que aponta para o prosseguimento do desenvolvimento da trajetória de GR do item, uma vez que, de acordo com Traugott (tal como exposto na fundamentação teórica), uma perda sempre é acompanhada de um ganho, a nível semântico e pragmático.

A partir desse momento, percebemos que ocorre uma “bifurcação” da trajetória de *assim*. A fim de iniciar uma tentativa de explicação da mesma, partamos da retomada dos exemplos de *anáfora*, mais especificamente de (4), em que toda uma porção textual maior é retomada a partir do item. Baseado nesse movimento, temos, em contextos mais específicos, *assim* desempenhando a função de *conjunção coordenativa conclusiva*, caracterizada, portanto, por um movimento retrojetivo, tal qual o da *anáfora*, a partir da expressão: **C1 + (conjunção +C2)** (CARONE, 1991), em que a letra C representa “oração ou termo coordenados”. Esse uso permite paráfrase por outros termos de mesmo estatuto, como *portanto, por isso, assim sendo, de modo que*.

Nesses casos, é sustentada a noção de coordenação de Bally (1965), no resumo que Carone (1991) faz dos elementos necessários para confirmar não só a veracidade da conjunção, como também do fato de que ela pertence a C2:

- (a) um termo de valor adverbial, pertencente à estrutura de C2, reitera C1 como um todo;
- (b) esse termo, portanto, funciona como um representante de C1 dentro de C2;
- (c) esse circunstante entra em processo de cristalização, por assim dizer, via GR, no decorrer do qual se desvanece paulatinamente a noção de que ele é uma anáfora de C1;
- (d) concomitantemente, é fortalecida sua função “relacionadora”, o que corresponde a um laço que C2 estende para agarrar-se a C1, ou seja, é a premissa exposta em C1 que permite o movimento subjetivo-conclusivo expresso em C2; e
- (e) completando-se o processo, está criada mais uma conjunção coordenativa, morfema que faz parte de C2.

Essa constatação comprova a sugestão de que a maior parte dos mecanismos que deram origem à formação das conjunções, tanto do latim culto, do latim vulgar, como do português arcaico, continua a ocorrer no português contemporâneo. A comparação dos elementos revela esse trânsito, verificado desde os primórdios da língua, entre advérbios e conjunções. Nesse caso, temos uma multifuncionalidade da forma fonte em um mesmo recorte sincrônico, assumindo, além das funções já apresentadas, também a de conjunção, ainda que sem abandonar alguns traços adverbiais (BARRETO, 1998).

O exemplo que segue, reconhecidamente não prototípico, já que *assim* aparece acompanhado de *e*, tem sua fonte na língua falada, ainda que tal uso seja preferencialmente especializado na escrita:

- (7) Indústrias que têm compras comuns associam-se em cooperativas, centralizando, por meio destas, suas aquisições. **Assim**, podem obter melhores preços e maiores prazos

De acordo com o exemplo acima, podemos reiterar que “graças à C1, é instaurada a conclusão em C2”, tal como mostra a adaptação abaixo do esquema de Carone:

(7)	C1	<i>conjunção</i> + C2
	Indústrias que têm compras comuns associam-se em cooperativas, centralizando, por meio destas, suas aquisições.	<b>Assim</b> , podem obter melhores preços e maiores prazos

Pertencendo esse elemento anafórico a C2, a seqüência das orações torna-se fixa, ou seja, a inversão da ordem delas é impossível em relação à coordenação então estabelecida. Em outras palavras, C2 pressupõe C1, numa relação orientada em que a primeira é fonte para o processo cognitivo e subjetivo instaurado na conclusão, situada na segunda. Temos, portanto, nesse momento, uma clara conexão ao processo de subjetivização, em que o falante, com o propósito de codificar suas atitudes sobre o que está sendo dito, desenvolve um novo significado, por assim dizer conclusivo, para o lexema *assim*, já existente.

Mantida, portanto, a noção, já apresentada, de uma trajetória de gramaticalidade de *assim* caracterizada por uma bifurcação, temos, por fim, uma última acepção, caracterizada por se tratar de um uso mais discursivo-pragmático, em que o item, a partir do movimento de base catafórica, exemplificado em (5) e (6), principalmente neste último, anuncia categorias distintas da sentença. Chamamos esse uso de marcador discursivo (MD). Vejamos os exemplos:

- (8) Inf.: uhum... éh:: o meu tio o primo tudo que foram assaltado com a gente eles contaram de uma de uma história que... eles as/eles tava lá e meu tio foi sair do prédio onde mora a mãe de::le lá num num lugar lá dele e meu primo também foi junto aí eles ficaram lá aí quando era umas duas três horas da... manhã... eles tavam voltando aí meu primo tava dormindo é na:: na::... na parte de trás da:: caminhonete... aí... éh:: eles eles tavam lá... aí o:: eles tavam entrando **assim** já tinham abrido o portão chegou um cara falou com uma arma falou prá eles pra ele passar...(AC-001, NR-07)

- (9) Doc.: agora eu queria que/ **assim** você já viajou pra algum lugar? (AC-006, DE- 54)

- (10) aí tinha a porta de entrada lá... logo à esquerda tinha a secretaria... aí:: do lado direito tinha umas lojas **assim**... não era bem umas lojas... tipo de umas roupinha roupas de pra::ia essas coisas... [Doc.:

ham] biquí::ni chapé::u... tinha/ vendia uns enfeitinhos aqueles... no vidro... de areia...[Doc.: ham] vendi::a/...(AC-006, DE-60)

(11) Inf.: é::... olha experiência **assim**::... hum::... dá branco hein?... credo... deixa eu/... (inint.)...  
Doc.: pode ser que aconteceu com seu irmão... cê tem irmão né?  
Inf.: te::nho... <sup>12</sup>[aconteceu/]...(AC-035, NR-205)

Embora todos esses exemplos estejam agrupados sob o rótulo MD, é possível verificarmos funções discursivo-pragmáticas distintas. Dessa forma, tal como Castilho e colaboradores (1996), na Gramática do Português Falado, chamamos uma dessas funções de *Modalizador Epistêmico Quase-asseverativo*. Para esse autor, os modalizadores epistêmicos, como a própria designação deixa ver, expressam uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição, sendo que os *Quase-asseverativos*<sup>3</sup>, indicam que o falante considera o conteúdo da proposição quase certo, próximo à verdade, mas que ainda preserva o estatuto de uma hipótese que depende de uma confirmação, e é exatamente por essa razão que o falante, de certa maneira, procura não se responsabilizar sobre a verdade ou falsidade daquela proposição (Barrenechea, 1969).

Sendo assim, através dos *Quase-asseverativos*, avalia-se a proposição como uma possibilidade epistêmica, da qual decorre a baixa adesão do falante com respeito ao conteúdo do que está verbalizando. Segundo ele, podem ser representados por predicadores quase-*asseverativos* “eu acho” e “é provável que”. Além de *assim*, também, *talvez*, *possivelmente*, *provavelmente*, *eventualmente* foram identificados como modalizadores desse tipo. Portanto, podemos dizer que *assim*, nessa acepção, tem a propriedade de modalizar o conteúdo do constituinte à sua direita, prevenindo, de certa forma, o interlocutor de que não há comprometimento com o valor de verdade da proposição, tal como podemos observar em (10).

Pode ser percebida também uma função relacionada com o desenvolvimento do tópico discursivo, ou seja, como uma estratégia que aponta para a construção do texto (falado), seja na apresentação de um elemento novo, como vemos em (9), seja como um sinalizador de atividade de reformulação discursiva, tal como uma paráfrase, por exemplo, como em (8).

Ainda pode ser correlacionado à função de preenchedor de pausa hesitativa, responsável pela sinalização de que o falante está fazendo uma pausa para processar novas informações, como parece exemplificar a ocorrência (11). De qualquer forma, esse emprego de *assim* não está mais desempenhando apenas uma função catafórica, que, como vimos, é essencialmente textual. O seu emprego acaba por refletir aspectos mais discursivos, no sentido de que pode desempenhar funções distintas na concepção e organização do discurso.

## 5. Concluimos assim...

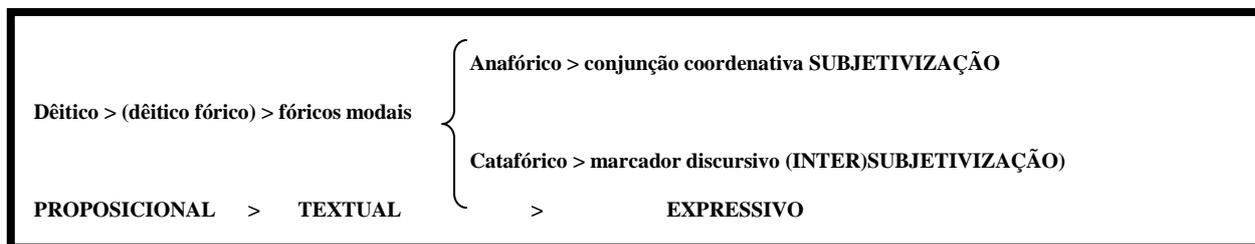
Tomando como base a concepção de GR de Traugott, sugerimos que a trajetória de desenvolvimento de *assim* aponta para um ganho de pragmática, em que o item parte de significados mais concretos, identificáveis nas situações extralingüísticas, assumindo, em seguida, significados voltados para a marcação textual, para, por fim, alcançar significados fundados na atitude do falante a respeito do que é dito, ou seja, na sua concepção de verdade ou não da proposição (a própria modalização) em correlação com as atitudes do ouvinte.

Sendo assim, podemos verificar que, após uma fase considerada mais textual, *assim*, a partir do movimento de anáfora, e do processo de subjetivização, desenvolve a função textual-interativa de conjunção coordenativa conclusiva e, a partir do movimento de catáfora, e dos processos de (inter)subjetivização, desenvolve a função também textual-interativa de marcador discursivo, revelando subfunções fundamentadas na perspectiva do falante em correlação com o ouvinte e com a construção do tópico que os une no âmbito do evento comunicativo.

---

<sup>3</sup> Os modalizadores epistêmicos compreendem também as subclasses dos *Asseverativos* e dos *Delimitadores*. Os primeiros indicam que o falante considera verdadeiro o conteúdo da proposição, apresentando-o como uma afirmação ou como uma negação que não abre margens para dúvidas e os últimos estabelecem limites dentro dos quais se deve encarar o conteúdo da proposição

No entanto, importante para nós, nessa etapa da presente pesquisa, é conhecer a trajetória de gramaticalidade de usos sincrônicos de *assim*, que parte daqueles empregos mais concretos, até os mais abstratos, como um quadro de gramaticalização que envolve (inter)subjativização e modalização epistêmica, tal como esquematizado abaixo:



## 6. Referências bibliográficas

BARRETO, T. M. Conjunções: relações entre advérbios, preposições e conjunções em dois momentos sincrônicos do português: séc. XIV e XX. *Atas do IX Congresso Internacional da ALFAL*. Campinas. Unicamp, p. 229-239, 1998.

BYBEE, J. Mechanisms of changes in grammaticalization: the role of frequency. In: JANDA, R., BRIAN, J. (eds.) *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell.

CASTILHO, A. T. *Unidirecionalidade ou multidirecionalidade?* O problema da Gramaticalização. In: KOLLOQUIUM IN MUNSTER 2003: DANS BRASILIENISCHE PORTHUGIEISCH: PERSPERKTIVEN DER GEGENWÄRTIGEN FORSCHUNG, 1-18 de Janeiro, 2003, n.19, 1997, p.25-64.

\_\_\_\_\_ e CASTILHO C. M. M. Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (org.) *Gramática do Português Falado*. Vol.II: Níveis de análise. 3. ed. Campinas: UNICAMP, p.213-260, 1996.

\_\_\_\_\_. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: \_\_\_\_.(org.) *Português falado culto no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989, p. 249-279.

FRASER, B. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*, v.31, 1999, p.931-952  
 \_\_\_\_\_. An approach to discourse markers. *Journal of Pragmatics*, v.14, 1990, p. 383-395.

GONÇALVES, S. C. L. *Gramaticalização,modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*.2003.250f. Tese (Doutorado em Linguística)- Instituto de estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. UICAMP, 2003.250f.

GRICE, P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (org.) *Fundamentos metodológicos da lingüística-Pragmática V. IV*, Campinas: UNICAMP, p. 81-103.

HALLIDAY, M. A. K. *Estrutura e função da linguagem* (Tradução de Jesus Antônio Durigan). In: LYONS, J. (org.) *Novos horizontes em lingüística*. São Paulo: Cultrix. Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

\_\_\_\_\_. As bases funcionais da linguagem (Tradução de Rodolfo Ilari) In: DASCAL, M. (org.) *Fundamentos metodológicos da lingüística*. v. 1. São Paulo: Global. 1978, p. 125-161.\*

HEINE, B., CLAUDI, U., HÜNNEMEYER, B. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991

HOPPER, P. J. Some Recents Trends in Grammaticalization. *Annual Review Preprints*. nº 25, p. 217-36, 1996

HOPPER, P., TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993

- KROON, C. Discourse markers, discourse structure and Functional Grammar. In: CONNOLLY, J. *et. al.* (eds.) *Discourse an pragmatics in Gunctional Grammar*. Berlin and New York: Mounton de Gruyter, 1997, p. 17-32.
- LONGHIN-THOMAZI, S. R. Gramaticalização, (inter)subjetivização e modalidade epistêmica: o caso de “assim”. In: SEMINÁRIOS DO GEL, 53, 2005, São Carlos. *Anais...* São Paulo, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções. In: CASTILHO, A. T. (org.) *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, p.281-321.
- MARTELOTTA, M. *et. al.* *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras UFRJ, 2004.
- NEVES, M. H. M. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- RISSO, M.S. *et. al.* Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (org.) *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, v.1. 1996, p.21-94.
- SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- SILVA, G. M. de O. Anatomia e fisiologia dos marcadores discursivos não-prototípicos. In: NEVES, M. H. M. (org.) *Gramática do Português Falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 297-347.
- TRAUGOTT, E. *From subjetification to intersubjetification*. In: Paper presented at the Workshop on Historical Pragmatics. Canada, 1999.
- TRAUGOTT, E. Subjectification in grammaticalization, In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (eds.) *Subjectivity and subjectivisation*. Linguistic perspectives, Cambridge: CUP, 1995, p. 31-54.
- \_\_\_\_\_.e KÖNIG, *The semantic-pragmatic of grammaticalization revisited*. In: VOTRE, S. J. Um paradigma para a lingüística funcional. In: MARTELOTTA, M. E. *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- \_\_\_\_\_. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Paper presented at ICHL XII, Manchester, 1995. Disponível em: <http://www.stanford.edu/~traugott/traugott.html>. Acesso em: 20/02/2004.
- \_\_\_\_\_.e HEINE, B. (orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. John Benjamins Publishing Company, 1991.
- \_\_\_\_\_. From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization. *Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science*. In: LEHMMAN, C., MALKIEL, 1982, p. 245-271.